

# MOVÊNCIAS IDENTITÁRIAS

Vera Lucia Soares  
UFF

## 1. Tema e objetivos da pesquisa:

Centrando, já há bastante tempo, minhas pesquisas sobre a questão identitária no Maghreb, através do diálogo entre a literatura e a história, venho tecendo algumas hipóteses sobre a mobilidade da construção da identidade nesses países recentemente saídos da colonização e que passo a explicitar.

Se, no período colonial, a grande questão se colocava entre a assimilação aos modelos impostos pelos franceses e a resistência dos estratos culturais autóctones, após as independências, desencadeou-se um processo de descolonização de cunho nacionalista com vistas à construção de uma identidade nacional pautada unicamente nos valores árabe-islâmicos. Contra essa política se levantaram as vozes dos intelectuais francófonos, às quais se juntaram as de outras minorias, como as dos berberes, para reivindicar uma identidade plural capaz de expressar a diversidade cultural do Maghreb pós-colonial. É justamente essa identidade plural realizada no encontro da tradição com a modernidade que as obras literárias dos escritores maghrebins de língua francesa da fase pós-colonial reconstroem de forma metafórica.

Embora privilegiando a questão da reconstrução da identidade nacional em suas obras, alguns desses escritores, como Rachid Boudjedra e Tahar Ben Jelloun, vinham se mostrando, já há algum tempo, sensíveis à problemática da e/imigração, preocupação que se intensificou ultimamente devido a uma nova onda de emigração de argelinos em direção à França, provocada pela radicalização do movimento fundamentalista na Argélia. As dificuldades vividas pelos imigrantes têm levado também outros escritores maghrebins, entre os quais Leila Sebbar e Malika Mokeddem, a repensarem a questão identitária para além das fronteiras nacionais, voltando o seu olhar para os imigrantes, não apenas para esses que foram obrigados, recentemente, a se exilar na França por motivos políticos ou ideológicos, mas sobretudo para aqueles que para lá emigraram a partir da Segunda Guerra, ainda durante o período colonial, atraídos pelas condições salariais oferecidas pela metrópole que, na época, necessitava urgentemente de mão-de-obra.

Esses primeiros imigrantes acalentavam um sonho: o de regressarem a seus países com uma boa situação econômica, sonho que com o tempo foi se tornando cada vez mais distante. Assim, em lugar de voltar, eles acabaram trazendo a família e se radicando definitivamente na França, o que não significa que tenham abdicado suas tradições culturais e religiosas. Vivendo em guetos e discriminados pelos franceses, esses imigrantes não só conservaram suas práticas culturais como as transmitiram aos filhos vindos ainda crianças ou já nascidos na França. Esta chamada “segunda geração” ou geração *beure* vai, então, viver uma experiência identitária complexa: culturalmente, seus representantes se encontram entre dois pólos de base, francês/maghrebino, mas simultaneamente esses dois pólos se abrem à multiplicidade e permitem uma pluralidade de combinações identitárias entre as duas culturas. Assim, os beurs seriam ao mesmo tempo franceses e maghrebins, nem franceses nem maghrebins, franceses não-maghrebins e ou maghrebins não-franceses (MANOPOULOS, 1999).

Esta minha nova pesquisa se propõe justamente a analisar essas movências identitárias que muitos deles, fazendo-se escritores, vão expressar em seus textos literários. Escapando a toda e qualquer noção fixa de identidade, suas narrativas desconstroem as oposições binárias entre os dois pólos de base e criam, neste entre-lugar ou neste Terceiro Espaço (BHABHA, 1998), possibilidades infinitas de construções culturais pluri-

identitárias. Dentre os escritores representantes da chamada “segunda geração”, cujas obras constituem parte do *corpus* desta pesquisa, encontram-se: Azouz Begag, Nina Bouraoui, Farida Belghoul, Leila Houari.

Um dado interessante é que essa produção literária da e sobre a imigração vem ocupando um espaço cada vez maior no interior da literatura francesa como um todo, sendo esse tema privilegiado não apenas por escritores de origem maghrebina, mas também por alguns escritores franceses autóctones, como Michel Tournier e J.M.G. Le Clézio. E há que se considerar também sua boa recepção por parte da crítica francesa.

Com base nesses dados, teço uma hipótese a ser comprovada ou não durante a realização desta pesquisa: a de que a inserção dessa literatura emergente no seio da produção literária francesa seria o indício de uma possível “crioulização” da cultura francesa. Ao falar de “crioulização”, refiro-me ao “fenômeno de crioulização” de Édouard Glissant, segundo o qual, as culturas atávicas (aquelas que afirmam sua identidade como raiz única) tendem a se tornar compósitas, ou seja, culturas onde a identidade deixa de ser de raiz única para ser “raiz indo ao encontro de outras raízes” (GLISSANT, 1996, p. 22-23). A seu ver, tal fenômeno, que caracteriza o que ele chama de “Neo-América”, se estende hoje pelo mundo inteiro através do contato cada vez maior entre as culturas criando “micro- e macroclimas de interpenetração cultural e lingüística” (1996, p. 19). Logicamente, quando essa interpenetração ganha força, as culturas atávicas, vendo-se ameaçadas de diluição, tendem a defender seu estatuto de identidade como raiz única, o que gera discriminações e conflitos dos mais diversos.

A França, que sempre nutriu um forte orgulho por seus ancestrais gauleses, por sua língua e cultura e que, por conta disso, desenvolveu toda uma política assimilacionista nas suas antigas colônias, encontra hoje na grande massa de imigrantes maghrebins e seus descendentes - que com suas diferenças culturais constituem parte significativa da população do país - uma ameaça à sua pretensa identidade de raiz única. Digo pretensa porque todas essas culturas que se dizem atávicas foram compósitas em suas origens.

Na verdade, a questão da imigração maghrebina na França tomou rumos imprevisíveis dando origem, por exemplo, ao recrudescimento do racismo e de posições nacionalistas exacerbadas, como as defendidas pelo partido nacionalista de Le Pen e partilhadas por um bom número de franceses.

Conviver com a diferença, ser si mesmo sem se fechar ao outro é o grande desafio do mundo de hoje, tanto para as culturas ditas atávicas como para as compósitas. Na França, esse desafio, a meu ver, já começa a ser enfrentado por essa literatura da e sobre a imigração que, por conta do imaginário, aponta o que Paul Ricoeur chama de “soluções poéticas” (1985) para essa questão identitária ligada à imigração, fazendo da narrativa literária um espaço de construção de identidades móveis e plurais.

A construção dessas narrativas literárias, que são narrativas de um tempo vivido, tem na memória a sua mola propulsora. Através das lembranças daqueles que viveram e ou vivem essas experiências, essas narrativas vão desvelando as “zonas sombrias” da memória oficial (ROBIN, 1989) sobre o processo migratório na França desde a Segunda Guerra ao mesmo tempo em que reconstróem uma memória outra desse tempo, uma memória feita de fragmentos da vida cotidiana, a partir da qual se poderá, então, reescrever a história desses imigrantes e de seus descendentes.

Por outro lado, parece-me interessante verificar de que forma a experiência da imigração se expressa literariamente no seio de uma cultura compósita. Nesse sentido, me proponho também a analisar alguns romances brasileiros centrados sobre a imigração de origem árabe no Brasil (basicamente a libanesa), buscando cotejá-los com textos da literatura da e sobre a imigração maghrebina produzida na França. Dentre esses romances brasileiros, destaco *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum, e *Amriké*, de Ana Miranda.

Os objetivos visados pela presente pesquisa resumem-se, portanto, nos seguintes:

- analisar a narrativa ficcional como espaço de construção de identidades marginais, móveis e plurais;
- estudar o tema das movências identitárias em textos produzidos na França por escritores originários do Maghreb ou descendentes de imigrantes maghrebins, assim como em textos de escritores franceses autóctones;
- analisar a situação e o impacto dessa produção literária emergente, ou seja, da literatura sobre e das imigrações no interior do cânone literário francês;
- verificar até que ponto a inserção dessa literatura emergente no seio da produção literária francesa poderia ser interpretada como indício de uma possível “crioulização” (GLISSANT, 1996) da cultura francesa;
- fazer dialogar textos dessa literatura sobre e das imigrações na França com textos da literatura brasileira centrados sobre a questão da imigração libanesa no Brasil, no sentido de verificar as formas pelas quais essas diferentes construções narrativas expressam a experiência da movência identitária entre as culturas oriental e ocidental;
- repensar os conceitos de identidade e cultura não mais como noções acabadas e monolíticas, mas como construções dinâmicas, inacabadas e abertas ao contato com o outro.

## **2. Considerações teórico-críticas e metodológicas:**

Para tratar do tema das movências identitárias em obras da literatura sobre e das imigrações produzidas na França e no Brasil considero pertinente adotar uma perspectiva cultural-comparatista, vislumbrando a leitura dessas obras a partir do contexto histórico-cultural e social em que elas se inserem, ou seja, enquanto representações do paradoxo que caracteriza o final do século XX, onde ao mesmo tempo em que a chamada “globalização” da economia e da mídia dilui as fronteiras entre as nações e facilita o contato entre diferentes culturas, movimentos separacionistas explodem por todos os lados dando origem a guerras absurdas que destroem populações em nome da diferença étnico-cultural.

Nesse sentido, o diálogo com outras áreas do saber, como a História, a Antropologia, a Sociologia e a Filosofia, se faz fundamental, uma vez que a questão das movências identitárias se constitui hoje em dia não apenas em uma experiência vivida pelo homem, ser migrante por natureza, mas também em um processo histórico-social de conseqüências imprevisíveis. A interação com essas outras disciplinas longe de representar o desprestígio da obra literária é, ao contrário, um enriquecimento, tendo em vista que as trocas teórico-metodológicas permitem leituras diferenciadas de um mesmo texto. Além do mais, o caráter estético do texto literário continua preservado e até mesmo valorizado, pois é justamente através da sua poética que se expressam as múltiplas temporalidades e espacialidades que dão conta dessas identidades móveis, errantes e plurais.

Assim, dentre os teóricos com os quais dialogo mais de perto, ressalto, evidentemente, alguns cujas reflexões não se fecham na especificidade de seu campo de conhecimento, mas que, ao contrário, buscam sempre a interação com outras disciplinas, como é o caso de Edward Said, Édouard Glissant, Paul Ricoeur, Tzvetan Todorov, Régine Robin, Homi Bhabha, Pierre Bourdieu, Jacques Le Goff, Michel De Certeau.

A defesa que faço do diálogo da literatura com outras áreas do saber não se restringe a uma necessidade específica do meu tema de pesquisa. A meu ver, é no diálogo que se estabelecem as trocas enriquecedoras que nos permitem refletir, relativizar nossos pontos de vista, desconstruir e reconstruir conceitos, enfim, descobrir novas perspectivas para nossas pesquisas. É nesse sentido que acredito deva caminhar não apenas o nosso GT de Literatura Comparada, mas também os demais GTs da ANPOLL.

## Referências bibliográficas:

### Textos literários:

- BEGAG, Azouz. *Le gone du Chaâba*. Paris: Seuil, 1986.  
\_\_\_\_\_. *Zenzela*. Paris: Seuil, 1997.
- BELGHOUL, Farida. *Georgette!* Paris: Barrault, 1986.
- BEN JELLOUN, Tahar. *Les raisins de la galère*. Paris: Fayard, 1996.
- BOUDJEDRA, Rachid. *Topographie idéale pour une agression caractérisée*. Paris: Denoël, 1975.
- BOURAOUI, Nina. *La voyageuse interdite*. Paris: Gallimard, 1991.
- HATOUM, Milton. *Relato de um certo Oriente*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- HOUARI, Leïla. *Zeïda de nulle part*. Paris: L'Harmattan, 1985.
- LE CLÉZIO, Jean-Marie Gustave. *Désert*. Paris: Gallimard, 1980.
- MIRANDA, Ana. *Amrik*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MOKEDDEM, Malika. *Des rêves et des assassins*. Paris: Grasset&Fasquelle, 1995.
- SEBBAR, Leïla. *Schérazade: 17 ans, brune, frisée, les yeux verts*. Paris: Stock, 1982.
- TOURNIER, Michel. *La goutte d'or*. Paris: Gallimard, 1986.

### Textos teóricos:

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre (ss. dir. de). *La misère du monde*. Paris: Seuil, 1993.
- CERTEAU, Michel de. *L'invention du quotidien I: arts de faire*. Paris: Gallimard, 1990.
- GLISSANT, Édouard. *Poétique de la relation*. Paris: Gallimard, 1990.  
\_\_\_\_\_. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.
- LE GOFF, Jacques. *Memória. Documento/monumento*. Enciclopédia Einaudi, v. 1: Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional, 1984, p.11-50 e p. 95-106.  
\_\_\_\_\_. *As mentalidades: uma história ambígua*. In: LE GOFF, J., NORA, P. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p.68-80.
- MANOPOULOS, Monique. *Décentrage et pluri-identités dans Les A.N.I. du Tassili de Akli Tadjer*. Le Maghreb Littéraire, Toronto: Éditions La Source, v. III, n. 5, p. 65-80, 1999.
- RICOEUR, Paul. *Temps et récit 3: le temps raconté*. Paris: Seuil (poche), 1985.
- ROBIN, Régine. *Le roman mémoriel: de l'histoire à l'écriture du hors-lieu*. Montréal: Éditions du Préambule, 1989.  
\_\_\_\_\_. *Le deuil de l'origine. Une langue en trop, la langue en moins*. Paris: Presses Universitaires de Vincennes, 1993.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.  
\_\_\_\_\_. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.  
\_\_\_\_\_. *Nous et les autres : la réflexion française sur la diversité humaine*. Paris: Le Seuil, 1989.